

*Nascentes***A LÍNGUA E SEU DUPLO DOMÍNIO:
O SEMIÓTICO E O SEMÂNTICO PARA A LEITURA DE TEXTOS***Wesley Pinto Hoffmann***Clandia Toldo***

RESUMO: Este artigo tem como objetivo identificar os movimentos de leitura, a partir da reflexão acerca dos diferentes sentidos do termo “frase” desenvolvido nos textos de Émile Benveniste – Os níveis de análise linguística, divulgado em 1962, e o texto A forma e o sentido na linguagem, do ano de 1966. O problema de pesquisa posto é o de como trazer contribuições presentes nos dois textos de Benveniste, para que se possa pensar em diferentes movimentos no ensino de leitura escolar, como uma atividade criada na enunciação? A fundamentação teórica será desenvolvida a partir dos pressupostos de Benveniste (2005, 2006); nas contribuições de Flores (2013), e também nos estudos de Petit (2009), no que concerne à leitura e escola. O estudo envolve uma pesquisa exploratória e bibliográfica com uma abordagem qualitativa. Pautamo-nos em um ensino de língua voltado para as situações reais comunicação, o que requer saberes que ultrapassem os saberes meramente metalinguísticos de nomenclaturas, divisões e classificações gramaticais. O ensino de língua que defendemos requer domínios de exercícios de linguagem, que são sempre singulares e irrepetíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Níveis de Análise Linguística; Forma e sentido na linguagem; Ensino de línguas.

Introdução

O objetivo deste trabalho é identificar os movimentos de leitura, a partir da reflexão acerca dos diferentes sentidos do termo “frase” desenvolvido por Émile Benveniste, principalmente em seu texto de 1962, publicado em Problemas de Linguística Geral I, terceira parte, onde trata de “Estruturas e análises”. Esse propósito justifica-se na medida em que queremos discutir e compreender a questão do sentido nas atividades de leitura, tomadas como atividades enunciativas.

A fundamentação teórica é desenvolvida a partir dos pressupostos de Benveniste desenvolvidos ao longo de sua vasta publicação que traz à tona questões como língua, linguagem, significação, sentido; nas contribuições de Flores (2013), e também nos estudos de Petit (2009), no que concerne a questões relacionadas à leitura e à escola. Quanto aos

* Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista PROSUC/CAPES.

** Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Puc-RS). Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF). Realizou estágio pós-doutoral em Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Pesquisadora CNPq.

procedimentos, o estudo envolve uma pesquisa exploratória e bibliográfica, de abordagem qualitativa, conforme Prodanov e Freitas (2013).

Realizaremos um percurso reflexivo entre dois textos de Émile Benveniste, a saber: *Os níveis de análise linguística* (PLG I, 1962) e “A forma e o sentido na linguagem” (PLG II, 1966). Esses textos apresentam considerações sobre uma possível análise de língua e as complexas relações estabelecidas entre forma e sentido, apontando diferentes sentidos para o termo “frase”.

Organizamos este artigo em três seções além desta introdução, a saber: na primeira seção, apresentaremos as reflexões dos textos de 1962 e de 1966, destacando os aportes dos *níveis da análise linguística* aos dois sentidos do conceito de “frase”, a fim de que possamos discuti-los e ampliá-los na segunda seção, na qual propomos uma reflexão sobre leitura escolar, em uma aproximação aos conceitos discutidos acerca dos sentidos de “frase”.

Já na terceira seção, desenvolveremos uma reflexão sobre leitura na escola considerando-a na contemporaneidade marcada pelas tecnologias digitais e multiculturalidade e atravessada pela formação docente. Iniciemos a reflexão, considerando os textos do linguista francês Émile Benveniste, tendo como pano de fundo sua teoria enunciativa.

Os níveis de análise linguística e a questão do sentido

Nesta seção, realizamos uma leitura interpretativa do artigo *Os níveis de análise linguística*, publicado no livro *Problemas de Linguística Geral I*, de Émile Benveniste (2005), destacando questões de interesse ao nosso objetivo principal. Benveniste inicia suas reflexões no texto acerca da língua como uma estrutura formal, e, nesse sentido, a realidade do objeto não pode ser separada do método que o define. Dessa forma, Benveniste (2005) propõe a noção de nível como um procedimento de análise linguística, assegurando a natureza articulada e o caráter discreto da linguagem, com seus elementos constituintes.

De acordo com Flores (2013, p. 129), a primeira observação à leitura de *Os níveis de análise linguística* é a de que se trata de níveis da análise e não de análise. Ele ainda acrescenta que “O texto diz respeito, prioritariamente, a uma reflexão sobre análise linguística e não sobre os níveis tradicionalmente tidos como parte de um estudo linguístico.” (FLORES, 2013, p. 129). Isso já pontua o que é importante nesta afirmação – trata-se *da análise*.

Em consonância com Flores (2013, p. 129) “[...] Benveniste não está pensando na língua como um conjunto de “camadas” [...] pois até mesmo para definir o que pode ser decomposto ou substituído é necessário pensar na relação entre esses diferentes níveis.”

Há duas operações que comandam os elementos constituintes da linguagem, a saber:

O procedimento inteiro da análise tende a delimitar os elementos através das relações que os unem. Essa análise consiste em duas operações que se comandam uma à outra e das quais todas as outras dependem: 1ª a *segmentação*; 2ª a *substituição*. (BENVENISTE, 2005, p. 128, grifo do autor)

No que se refere à operação de segmentação, depreendemos que podemos segmentar o texto em porções cada vez menores, até chegarmos a elementos que não podem ser reduzidos a unidades menores – os traços distintivos de fonemas. Esses elementos são identificados pela operação de substituição, presente nas relações entre a realização dos elementos constitutivos nos níveis. Neste estudo, nosso foco não está na operação de substituição, mas na relação estabelecida entre os níveis possibilitada pela operação da distribuição. Portanto, cabe elucidar algumas noções basilares à operação que servem ao reconhecimento da outra operação. De acordo com Benveniste:

O método de distribuição, em resumo, consiste em definir cada elemento pelo conjunto do meio em que se apresenta, e por intermédio de uma relação dupla, relação do elemento com os outros elementos simultaneamente presentes na mesma porção do enunciado (relação sintagmática); relação do elemento com os outros elementos mutuamente substituíveis. (relação paradigmática). (BENVENISTE, 2005, p. 128)

Compreendemos que o fator capaz de permitir a segmentação e a distribuição de elementos entre diferentes níveis é o sentido, já que revela condições linguísticas. No que concerne ao sentido, Benveniste (2005, p. 130, grifo do autor) aclara que “O *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico. [...]. A língua não poderia funcionar de outra maneira.”

Tomamos as relações de sentido entre os elementos constituintes, como os fonemas, palavras e a frase. São nessas relações entre diferentes elementos, de diferentes níveis que se constitui um todo. O sentido é o fator que autoriza determinadas relações entre os elementos constituintes.

Esses elementos estão em uma relação sintagmática estabelecida pelas unidades que a compõem, estas operam em níveis mais altos, à medida que integram novos níveis linguísticos. De acordo com Benveniste (2005, p. 131) “[...] nada nos permitiria definir a distribuição de um fonema, as suas latitudes combinatórias da ordem sintagmática e paradigmática, [...] se não nos referíssemos sempre a uma *unidade particular* do nível superior que o contém.” Nesse movimento, em concordância com Benveniste, compreendemos que esse nível não é algo de exterior à análise; ele está na análise, de forma que o nível é um operador. (BENVENISTE, 2005, p. 131)

Conforme Benveniste (2005), o nível da frase é o mais alto, repartido entre os constituintes. O termo “palavra” então, é empregado como elemento constituinte da frase em relações sintagmáticas na constituição dos enunciados. De acordo com Benveniste (2005, p. 132), “A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma.” A palavra, então, é um elemento constituinte de elo entre diferentes níveis, como podemos verificar na Figura 1, a seguir:

Figura 1 - A palavra como constituinte entre diferentes níveis



Fonte: elaborada pelos pesquisadores com base em Benveniste (2005).

Em conformidade com a reflexão feita pelo linguista francês, o limite superior de análise é a frase, que é definida pelos elementos relacionados no sintagma. O autor apresenta duas relações: as relações distribucionais e as relações integrativas. Benveniste (2005) refrata o conceito de relações integrativas, dada a transição de um nível para o outro nível, através da possibilidade de construção de sentidos em elementos de diferentes níveis. Com relação a essas relações estabelecidas entre diferentes níveis, Benveniste assevera:

Um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identifica-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função *integrativa*. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como “parte integrante” da unidade de nível superior, da qual se torna *integrante*. (BENVENISTE, 2005, p. 134, grifo do autor)

Reconhecemos esse funcionamento mútuo entre os elementos constituintes de níveis diferentes no ato de leitura, já que os elementos precisam ser reconhecidos nas relações de sentido com os outros elementos, dessa forma, criam-se relações constituintes dos textos.

Dessa forma, temos o princípio que governa, em unidades de diferentes níveis, a relação estabelecida entre forma e sentido. Conforme Benveniste (2005, p.135), “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da

língua.” E ainda complementa destacando que “As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente e integrante*” (BENVENISTE, 2005, p. 135). Essas relações nos interessam na medida em que, a partir delas, podemos considerar o(s) sentido(s) possível(is).

Quando se reduz uma unidade a seus elementos constituintes, reduz-se aos seus elementos formais, que são resultado, propriamente, do arranjo de sintaxe da língua. Em consonância com Benveniste (2005, p. 135-136) “a forma de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O sentido de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”. Essa “capacidade” revela os níveis *da* análise.

Destarte, os conceitos de forma e sentido são duas propriedades que não podem ser apreendidas separadamente, já que se realizam mutuamente e delineiam as relações possíveis entre os diferentes níveis. Acreditamos que é na união entre forma e sentido que podemos compreender o início do percurso nas construções de sentido.

E as relações no traçado do percurso do sentido são desafios apontados ainda no século XX por Benveniste, que apresenta uma interessante metáfora da Mitologia Grega. Segundo o autor:

A relação forma: sentido, que muitos linguistas queriam reduzir à noção única de forma, sem, porém, conseguir libertar-se do seu correlato, o sentido. O que não se tentou para evitar, ignorar ou expulsar o sentido? É inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam. (BENVENISTE, 2005, p. 134)

De acordo com Flores (2013, p. 134), há dois pontos relevantes para a questão do sentido. Quando se diz que um elemento apresenta sentido, esse elemento tem propriedade para constituir e integrar níveis. Quando se questiona qual é o sentido, emprega-se outra descrição e caracterização para o sentido, ligadas ao plano do discurso.

A partir da problemática levantada por Flores (2013) no texto de Benveniste, identificam-se dois sentidos para o conceito de frase que podem se relacionar a nossa hipótese de diferentes movimentos de leitura de textos. O primeiro sentido do conceito “frase” diz respeito a um sentido formal, com a distinção feita entre relações distribucionais e com suas unidades constituintes, considerando as relações integrativas, com suas unidades integrantes, respectivamente; o segundo sentido para o conceito “frase” revela o pertencimento da frase ao discurso. De acordo com Benveniste (2005, p. 139) “Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva”.

Temos aqui dois sentidos para o termo “frase” em realidades que são transcorridas mutuamente e que, ao nosso ver, devem ser “lidos” no movimento de leitura de textos.

Em conformidade com Benveniste (2005), a frase é uma unidade do discurso. Assim, Benveniste denomina os níveis em função das relações distribucionais e integrativas de cada unidade. Flores aclara essas concepções na distinção de diferentes relações. Segundo Flores:

A primeira e mais evidente é que há sempre relações de fronteira entre os planos da língua. Um elemento se define, no mínimo, pelas relações distribucionais e integrativas. A segunda, menos óbvia, é a que se pode inferir de uma afirmação que aparece no fim do artigo: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”. (FLORES, 2013, p. 136)

As concepções apontadas por Flores (2013) direcionam-se para a enunciação. A enunciação orienta-nos para a problemática levantada sobre os diferentes movimentos de leitura no conceito de “frase”, já que os dois sentidos para o termo, seja o formal ou o enunciativo, permitem discussões acerca da leitura. Neste estudo, a leitura de textos trabalhada na escola.

Dessa forma, levantamos algumas questões que nos ajudam a direcionar a continuidade de nossa discussão: Como a forma e o sentido se relacionam na língua? Na leitura dos textos, quais são os movimentos de leitura realizados pelo sujeito leitor? Que sentido o leitor de um texto busca (ou deveria) buscar construir? A fim de expandir essas questões, apresentamos a próxima seção intitulada “O funcionamento da língua e a relação entre forma e sentido”.

O funcionamento da língua e a relação entre forma e sentido

Nesta seção, centraremos nossas reflexões no texto “A forma e o sentido na linguagem” de Émile Benveniste, do ano de 1966. Nesse texto, Benveniste (2006) inicia sua reflexão, apresentando o distanciamento criado por outros linguistas entre os conceitos de forma e sentido, concebidos como contrários. Em conformidade com o autor, esses conceitos não se opõem, entretanto, trazem a questão da significação. A dupla entre forma e sentido se apresenta como uma complexa relação desenvolvida no texto de Benveniste.

Partimos da concepção de linguagem por Flores para situar a relevância do texto “A forma e o sentido na linguagem”, de Émile Benveniste. De acordo com Benveniste, (2006) bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Com a falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é porque o próprio da linguagem é, primeiramente, significar.

Benveniste apresenta associações entre forma e sentido, partindo da noção de língua como um sistema de signos, associados à significação, o que levanta a discussão sobre o signo

como unidade semiótica. Em conformidade com Benveniste (2006), o signo é definido como unidade não divisível, mas sim passível de decomposição. Nesse sentido, o autor direciona para seu outro texto *Os níveis de Análise Linguística*, de 1962, ressaltando a ocorrência da significação. Essas unidades são elementos de base em número limitado, em agrupamentos que formam novas unidades, cada vez de um nível superior. De acordo com Benveniste (2006, p. 225) “a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da significação; não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação.” Ou seja, só faz sentido aquilo que significa.

Benveniste considerava que a linguagem tem como função dizer alguma coisa. Toldo (2020) nos apresenta inquietações interessantes quanto à significação e aos movimentos da leitura. Toldo (2020, p. 790) questiona: “Como chegar a essa “alguma coisa?” Essas inquietações nos delimitam a pensar a leitura dos textos na escola e fora dela. Nesse caso de associação com o signo, significar é o signo ter sentido para os que utilizam a língua e a usam para viver, para se comunicar.

Benveniste (2006) apresenta dois critérios para a existência dos signos, que são o uso e a compreensão na língua. De acordo com Benveniste (2006), é no uso da língua que o signo existe e aquilo que não é utilizado, não é signo, há uma dualidade do que está na língua e o que está fora dela. Esse domínio é denominado pelo autor como o domínio semiótico, no qual encontramos o signo no sistema da língua, considerando o significante e significados, propostos ainda por Ferdinand de Saussure.

De acordo com Toldo (2020), esses dois critérios elencados por Benveniste apresentam uma dupla função da língua no domínio semiótico; a função de reconhecer a forma de um signo e o valor desse signo no uso comunicativo. Consoante Toldo (2020, p. 791), “Isso deixa claro que se colocar no domínio do semiótico é colocar-se no domínio intralinguístico.” Essas proposições se relacionam ao que podemos conceber como as atividades de leitura de diferentes textos na escola, já que os aspectos estruturais e de sistema da língua precisam encontrar significação no uso e circulação de textos.

Além do domínio semiótico, Benveniste (2006) apresenta o domínio semântico, que é onde funciona a língua em ação e em uso. Nesse domínio, verificamos a língua com função de mediação entre diferentes sujeitos e entre os sujeitos e o mundo, a fim de transmitir informações, comunicar, figurar experiências, suscitar respostas, enfim, em uma organização geral da vida humana através da língua. Conforme Benveniste (2006) Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência.

Essas reflexões de Benveniste acerca do domínio semiótico evidenciam que a expressão semântica por excelência é a frase, o nível superior proposto por Benveniste no texto *Os níveis de Análise Linguística* – por isso a relação dos textos no desdobramento dos domínios semiótico e semântico da língua. (BENVENISTE, 2006)

Os domínios semiótico e semântico se distinguem, uma vez que o semiótico evidencia propriedades internas da língua; o semântico é um processo de atividade de uso da língua. Sobre isso, Flores (2013, p. 141) discorre que “deve-se começar por precisar a unidade do semântico: se o signo é a unidade do semiótico, qual é a unidade do semântico? É a palavra. Mas não se pode esquecer: a palavra encontra expressão na frase.” (FLORES, 2013, p. 141)

A partir desses fundamentos, consideramos que o signo estabelece as relações internas na língua; já a frase é ligada à dimensão do discurso na língua. O sentido de uma frase implica em relações com o mundo, com situações discursivas, evidenciando a individualidade do locutor. Um segundo nível de leitura se apresenta com a segunda concepção de frase – ler as frases como elementos pertencentes à esfera do discurso.

Os dois sentidos de frase nos trazem a dois movimentos de leitura. O primeiro movimento orienta a leitura dos signos e a compreensão deles em um nível intrínseco à língua, já o segundo movimento, orienta para a questão proposta por Benveniste “Qual é o sentido?” e para a dimensão da frase com relação ao exterior à língua; ao discurso. Dessa forma, semiótico e semântico estão em uma dupla articulação constante fundamental para as reflexões sobre ensino de leitura. Doravante, na Figura 2, ilustramos os dois movimentos de leitura que nos parecem pertinentes:

Figura 2 - Movimentos de leitura



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores com base em Benveniste (2006).

A imagem apresenta uma relação intrínseca entre o semiótico e semântico no centro de reflexão acerca de um possível trabalho de leitura na escola. De acordo com Benveniste (2006), o sentido da frase está na totalidade de uma ideia através de uma compreensão global; a forma é obtida através de uma dissociação analítica de um enunciado processado até as unidades semânticas chamadas de palavras. Assim se dá a articulação do semiótico e semântico. (BENVENISTE, 2006) São as noções de forma e sentido, juntas, que nos ajudam a pensar na construção do sentido da frase, aqui considerado como o texto trabalhado em situação de ensino na escola. Conforme Flores (2013, p. 146) “Há uma perspectiva da enunciação em Benveniste menos ligada aos indicadores de subjetividade e mais ligada à sintagmação das palavras”. Esse é o trabalho de leitura que propomos para a escola. Consideramos que ler significa ensinar a percepção dessas duas dimensões, do semiótico e semântico, em diferentes movimentos de leitura.

A seguir, na seção intitulada “O poder da leitura em tempos difíceis” discorreremos sobre o panorama de leitura na contemporaneidade e os desafios para o desenvolvimento da leitura, enquanto uma atividade significativa na vida de locutores que se propõem sujeitos do seu dizer.

O poder da leitura em tempos difíceis

Nesta seção, dedicamo-nos a destacar algumas observações sobre a leitura de textos – trabalhado realizado na escola – e os desafios e as possibilidades que vemos oportunizados pelos conceitos construídos por Émile Benveniste em sua teoria da enunciação. Também realizamos uma reflexão acerca da leitura como uma atividade libertadora e seu poder de desenvolvimento da autonomia em tempos difíceis com o aporte de Michèle Petit (2009).

Mesmo que Benveniste não tenha investido em uma reflexão específica sobre leitura e produção de textos, seus trabalhos apresentam inferências sobre o funcionamento da língua nos textos, o que nos permite deslocar essas questões ao nosso propósito que o trabalho com a leitura na escola. Ainda que sob outros conceitos, percebemos que noções referentes à leitura dos textos estão presentes em suas pesquisas. A partir da concepção benvenistiana da frase como nível mais alto repartido entre o conjunto de seus constituintes, compreendemos o todo como uma noção correspondente ao texto. O texto que se organiza por uma relação entre diferentes elementos constitutivos e integrantes.

Não temos respostas estáveis sobre os problemas a serem enfrentados no trabalho de leitura em salas de aula da educação básica, apenas propomos uma reflexão sobre o ensino de leitura de textos que seja mais produtivo, levando em conta a língua em funcionamento e

como os sujeitos se apropriam de competências que os constituem os formam leitores autônomos.

Referenciamos colocações de Michèle Petit, na obra “A arte de ler”, do ano de 2009, que apresenta a vulnerabilidade da cultura letrada e do acesso a todos os bens culturais, impulsionados nas últimas décadas. De acordo com Petit:

[...] a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante indistinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem. (PETIT, 2009, p. 21)

Mas como podemos alterar esse movimento de sucateamento da vida e aumento das desigualdades, sobretudo quando almejamos formar leitores de mundo autônomos? Petit (2009) acrescenta que a leitura dá força à vida. A pesquisadora levanta questões: “que esperar dela (*leitura*) – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas?” (PETIT, 2009, p. 21, grifo nosso)

Os desafios advindos na contemporaneidade são inúmeros e não podem ser solucionados com respostas simples, sendo que muitos veem a leitura como uma atividade limitada ao ambiente escolar, e não como algo que é constitutivo ao sujeito humano letrado. Enquanto pesquisadores e professores, entendemos que saber ler consiste em conhecer e compreender a estrutura da língua, suas combinações e construir sentidos possíveis a partir de leituras de distintos textos, sejam eles escritos, orais, ou na mescla de diferentes linguagens.

Conforme Petit (2009, p. 24) “[...]o essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas”. Destarte, concebemos a leitura como um exercício de linguagem, de modo que as atividades de leitura criam significação na formação pessoal, enquanto sujeitos leitores, que reconhecem e constroem sentido com os textos. Textos esses que confrontam todas visões ideológicas e (re) criam concepções de mundo.

Assim, de acordo com Petit

Para alguns, tudo era dado de nascença ou quase; para outros, o distanciamento geográfico se somava às dificuldades econômicas e às interdições culturais. Se chegaram a ler, foi sempre graças as mediações específicas, ao acompanhamento afetivo e discreto de um mediador com gosto pelos livros, que fez com que a apropriação deles fosse almejada. (PETIT, 2009, p. 21)

Essas possibilidades de reconstrução do meio social através da leitura crítica movem a sala de aula e tornam os textos uma possibilidade de exercício significativo e real da linguagem. Partindo das situações reais de comunicação, como podemos pensar o trabalho de leitura de textos em sala de aula a partir de uma concepção enunciativa de língua? Na perspectiva levantada por Émile Benveniste (2005, 2006), a língua expressa o que é desejoso dos falantes dizerem. Para o autor, a língua é organizada em uma macroestrutura com estruturas menores que se imbricam em menores níveis. As formas da língua, em uma relação constante entre diferentes níveis, definem um texto.

Dessa forma, levantamos dois tipos de leitura que consideramos importantes, partindo da problemática levantada no texto para os dois sentidos do termo “frase” e suas duas realidades. Em um primeiro movimento, ler significa ler as diferentes estruturas e formas da língua organizados em diferentes níveis para a compreensão do todo. Em um outro momento, ler significa responder àquela questão “qual é o sentido do texto?” e as relações de sentido avançam para as situações que competem ao nível superior de análise.

Ler, no primeiro movimento, pode ser um trabalho de reconhecimento das formas em suas combinações entre os níveis, na língua como um sistema de signos. Em um segundo movimento, pode ser considerado como um todo realizado e atualizado pelas frases, consideradas como a própria linguagem em ação no mundo social. A leitura de um texto, então, pode ser estabelecida na imbricação desses dois movimentos. O leitor de um texto, partindo das concepções de Benveniste, precisa aprender a compreender o que projeta o texto para verificar as construções de sentido possíveis, dentre a gama de sentidos.

A atividade com esses dois movimentos de leitura cria diálogos entre o reconhecimento e compreensão de formas da língua com os sentidos possíveis nas relações entre distintos níveis de análise linguística. Flores (2013) assevera que de um lado, temos a língua como semiótico; de outro, a língua como domínio semântico.

Nesse sentido, precisamos considerar essa dualidade complementar no ensino de práticas de leitura na escola, e para isso, precisamos de referências comprometidas com o ensino de leitura no contexto escolar. Conforme Petit (2009, p. 47-48) “apropriar-se efetivamente de um texto supõe que a pessoa tenha contato [...] com um professor, um bibliotecário, um fomentador de leitura, que criou e que leu contos, romances, ensaios, palavras agrupadas de maneira estética, inabitual [...]”

A apropriação dos textos traz à luz o reconhecimento da língua na compreensão de mundo, por meio da atividade de leitura, propriamente dita. Compreender o mundo por

escrito é uma forma de ler o mundo. A seguir, apresentamos nossas considerações – não finais, mas provisórias e propulsoras a novas reflexões acerca da leitura.

Palavras finais

Dentre várias possibilidades para se pensar a leitura na escola e fora dela, consideramos que mediar o aprendizado de língua é um trabalho singular, no qual podemos utilizar as mesmas formas linguísticas, mas sempre em uma nova combinação que gera novas construções de sentido. Na leitura de textos e análise de emprego das formas, reconhecemos sentidos que podem estar vinculados a textos escritos ou orais que manifestam escolhas linguísticas diversificadas. Um sujeito leitor nas aulas de língua portuguesa adquire autonomia ao usar e exercitar as formas linguísticas em formas singulares, que expressam sua individualidade e suas posições ideológicas. Como Michèle Petit (2009) pontua, a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, e, por isso, é preciso desvendar esse monumento das formas para explorar sentidos encobertos nos textos.

A concepção de língua tomada pelos docentes pode estar voltada para um trabalho linguístico que busque trabalhar diferentes competências para o desenvolvimento da leitura na escola, sem esquecer ou renegar as formas linguísticas, já que sem o conhecimento e apropriação efetiva das formas, os sujeitos não conseguem ser sujeitos de seu dizer, capazes de ler o mundo com propriedade e autonomia.

Fundamentando-nos nos diferentes sentidos para o termo “frase” presentes nas reflexões de Émile Benveniste e as implicações desses sentidos nas atividades de leitura, estabelecemos como problema: como trazer contribuições presentes nos dois textos de Benveniste, para que se possa pensar em diferentes movimentos no ensino de leitura escolar, como uma atividade criada na enunciação?

O objetivo geral deste estudo foi o de identificar os movimentos de leitura, a partir da reflexão acerca dos diferentes sentidos do termo “frase” desenvolvido nos textos de Émile Benveniste, a fim de compreender a questão do sentido nas atividades de leitura na escola, tomadas como atividades enunciativas. Acreditamos que o propósito foi alcançando, uma vez que identificamos os dois diferentes movimentos de leitura; um voltado para o domínio semiótico, o outro voltado para o domínio semântico, bem como as implicações e relações entre os dois domínios nas atividades de leitura.

As limitações deste estudo concernem ao tempo para sua realização, e ao espaço estrutural conciso e breve de um artigo científico dedicado à reflexão e análise dos amplos conceitos propostos pelos estudiosos. Sugerimos a continuidade dos estudos que envolvam

a interface entre diferentes textos do linguista Émile Benveniste, onde possam ser melhor exploradas as questões de leitura, e também de escrita.

Para concluir, levantamos a inquietação de que precisamos pensar em alternativas de práticas que veem a o uso da língua como prática social e como um exercício de linguagem a partir da leitura significativa de textos. Certamente não construiremos isso com atividades de classificação gramatical e de nomenclaturas descontextualizadas, mas com exercícios nos quais tomamos o texto como unidade de trabalho e de exercícios a serem explorados. A contemporaneidade requer o olhar de professores e alunos enquanto sujeitos falantes e leitores do processo de enunciação construído no ato de ler.

LANGUAGE AND ITS DOUBLE DOMAIN: SEMIOTIC AND SEMANTIC FOR TEXT READING

ABSTRACT: This article aims to identify the reading movements, based on the reflection on the different meanings of the term “phrase” developed in the texts of Émile Benveniste – Levels of linguistic analysis, published in 1962, and the text The form and the sense in language, from the year 1966. The research problem posed is how to bring contributions present in Benveniste's two texts, so that one can think of different movements in the teaching of school reading, as an activity created in enunciation? The theoretical foundation will be developed from the assumptions of Benveniste (2005, 2006); in the contributions of Flores (2013), and also in the studies of Petit (2009), regarding reading and school. The study involves exploratory and bibliographic research with a qualitative approach. We are guided by language teaching focused on real communication situations, which requires knowledge that goes beyond the merely metalinguistic knowledge of nomenclatures, divisions, and grammatical classifications. The language teaching we advocate requires mastery of language exercises, which are always unique and unrepeatable.

KEYWORDS: Enunciation; Linguistic Analysis Levels; Form and meaning in language; Language teaching.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005. p. 127-140.
- _____. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 220-242.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed., Editora Feevale, 2013.
- TOLDO, Claudia. O reconhecimento da língua para a compreensão do mundo: a questão da leitura. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 3, 2020.

Recebido em: 10/10/2012.

Aprovado em: 14/12/2021.